

História da computação forense

📅 Data do post	@July 6, 2021 9:00 AM (GMT)
📌 status	Completed
🔑 Palavras-chave	História
☑ checkbox	✓

No artigo introdutório da segurança cibernética, recorremos a história para termos uma visão mais abrangente sobre o surgimento da computação forense. Vimos aí que a primeira rede de computadores entrou em funcionamento dia 1 de Dezembro de 1969 e interligava a Universidade da Califórnia de Los Angeles, o Stanford Reserch Institute, a Universidade de Utah e a Universidade da Califórnia de Santa Barbara.

Também foi importante perceber que entre 1973 e 1978, Vinton Cerf juntamente com Robert Kahn na DARPA, desenvolveram o TCP/IP que permitiu a interoperacionalidade e interconexão entre as diversas redes já existentes.

História da Computação Forense

A história da Computação Forense teve seu primeiro registro, por incrível que parece não foi nos Estados Unidos e nem na Inglaterra, mas sim na China, no século VII, onde foram utilizadas técnicas de lógica e provas forenses para solucionar um crime na China, essas técnicas foram utilizadas pelo famoso Ti Yen Chieh. Outro fator histórico mais tarde no século XVI, médicos do exército francês, começaram a reunir provas e informações sobre as causas de morte, todo esse estudo foi desenvolvido em uma universidade, para descobrir os efeitos de uma morte violenta e o que isso pode causar nos órgãos internos de ser humano.

Mais tarde no século XVIII tanto na França, quanto na Alemanha foram criados o Tratado sobre a Ciência Forense e Saúde pública, isso aconteceu na França. Desenvolvido pelo físico Fodéré, já na mesma época na Alemanha foi criado o Sistema completo da Medicina Legal, desenvolvido pelo Johann Peter Frank.

Muitos crimes desde o século XVI à XVIII foram estudados e solucionados com auxílio da Ciência Forense, em que são utilizados vários instrumentos, métodos da ciência para analisar os casos. Com a evolução da ciência forense, colocada justamente para auxiliar a desvendar os crimes da época uma das ferramentas que serviam para registrar as cenas dos crimes eram a fotografia, além de servir para registrar as cenas dos crimes a fotografia também servia para divulgar fotos dos criminosos, tanto para identificar os mesmos, como para comunicar a comunidade quem eram esses criminosos. Esse processo começou a ser realizado em 1886 pelo então Tomas Byrnes, era um detetive de Nova Iorque, registrando as cenas dos crimes e divulgando as fotos dos criminosos.

Com o desenvolvimento da Ciência Forense foram criadas várias formas para poder identificar os criminosos na época, foi criada a Frenologia por Dr. Pranz Iosef Gall, o qual descreveu uma teoria sobre o carácter dos assassinos, levando em consideração o formato do crânio da pessoa. Depois de a teoria Frenologia cair em desuso o então ex-cirurgião militar e diretor de um asilo, Cesare Lombroso, desenvolveu um estudo em mais de 6.000 (seis mil) crimes, lançou um livro em que concluía as possíveis características físicas dos criminosos, como os que tinham o crânio pequeno e outros eram muito velozes, esta teoria foi utilizada durante alguns anos e também serviu como prova para solucionar alguns crimes desta época.

Foi a partir de todos esses estudos e desenvolvimento da Ciência Forense que o francês Alphonse Bertillon, iniciou seus estudos e aprimorou ainda mais a forma de auxiliar a justiça para encontrar os criminosos, em que o mesmo desenvolveu a técnica do retrato falado, essa técnica foi utilizada até os meados da década de 50, no qual as vítimas ou testemunhas descreviam como era o rosto do possível criminoso, esse processo utilizava aproximar o máximo possível do rosto verdadeiro, desenhando as formas do rosto, como o formato do nariz, queixo, olhos, sobrancelhas, testa e orelhas.

A Computação Forense iniciou seus estudos em 1984, por meio de um programa criado pelo FBI – Federal Bureau of Investigation, que é um órgão da polícia dentro do Departamento de Justiça dos Estados Unidos, esse departamento era responsável pelo Programa de Mídia Magnética, atualmente o programa denominado de CART – Computer Analysis and Response Team, no Brasil esse programa é conhecido como CARRETA - Análise de Computador e Equipe de Resposta. Nessa época, destacou-se que o FBI detinha em seu grupo o "pai da Computação Forense", seu nome era Michael Anderson, em que trabalhou para o governo dos EUA até a década de noventa e após isso fundou a

empresa New Technologies, empresa na qual é a líder em se tratando de técnicas e estudos sobre a Computação Forense.

A partir desse envolvimento dos Estados Unidos no desenvolvimento dos estudos da Computação Forense foram criados outros centros e instituições para aprimorar ainda mais os estudos Forenses, como por exemplo, em meados dos anos de 1988 foi criada a Associação Internacional de Especialistas em Computação de Investigação – IACIS, como também logo após a criação desta associação foi criado o centro de Especialistas em Recuperação de Provas de Computadores Apreendidos – SCERS, esse centro foi desenvolvido para treinar por meio de aulas e estudos os especialistas em Computação Forense.

Nessa época, foram criados centros para estudos e aperfeiçoamento da Computação Forense, isso pode ser percebido, pois na década de 90 foi realizada a primeira conferência para explanar sobre as técnicas e métodos da coleta apreendidos de evidências pela criminais encontradas em computadores justiça americana, já em 1993 foi criada a Organização Internacional de Evidência Digital - IOCE, para auxiliar ainda mais o controle dos dados que trafegavam pela grande rede nos EUA.

Ainda no final dos anos 90 a Interpol realizou uma apresentação em um seminário sobre o desenvolvimento e estudos sobre a Computação Forense, neste mesmo período em 1999 o programa CART dos Estados Unidos realizou uma investigação em 2.000 (dois mil) casos individuais de computadores que podiam de alguma forma estar realizando algum ato delito criminoso.

Princípio de Locard

Em meados do ano de 1910, Edmond Locard, conhecido também como o Sherlock Holmes da França, um dos pioneiros da Ciência Forense moderna, estabeleceu o famoso princípio de Locard, segundo o qual “todo o contato deixa um traço (vestígio)”. Segundo ele, é impossível que tenha havido uma interação entre dois “corpos”, sem que qualquer evidência tenha sido deixada ou modificada.



Quaisquer que sejam os passos, quaisquer objetos tocados, o que quer que seja deixado, mesmo que inconscientemente, servirá como uma testemunha silenciosa. Não apenas as suas pegadas ou digitais, mas o seu cabelo, as fibras das suas calças, os vidros que ele porventura parta, a marca da ferramenta, a tinta, o sangue ou sémen que se deixe. Tudo isto, e muito mais, carrega um testemunho[...] Esta prova não se esquece. É distinta da excitação do momento. Não é ausente como as testemunhas humanas são. Constituem, per se, numa evidência factual. A evidência física não pode estar errada, não pode cometer perjúrio por si própria, não se pode tornar ausente. Cabe aos humanos, procurá-la, estudá-la e compreendê-la, apenas os humanos podem diminuir o seu valor. (LOCARD, 1910)

Desde então e com o estrondoso desenvolvimento científico/tecnológico do século XX, várias iniciativas e publicações relevantes foram realizadas, impulsionando o desenvolvimento das ciências e perícia forense, tal qual como conhecidos hoje.